

pub



Reduzir custos, cautela com dívidas e cortar no recrutamento: os remédios das empresas portuguesas para a recessão

Por Filipa Almeida — 15:32, 8 Out 2020

A edição deste ano do estudo “EPR Portugal 2020”, da Intrum, sobre os riscos de pagamento nas empresas é marcado pelo efeito Covid, já que a recolha de informação foi feita entre Fevereiro e Maio, apanhando ainda uma parte pré-pandemia. Em traços gerais, são três as principais conclusões: as empresas europeias preparam-se para uma recessão histórica; o crescente atraso nos pagamentos ameaça o crescimento das empresas; e o sector imobiliário e da construção é o mais afectado pelos atrasos dos pagamentos.

O estudo mostra ainda que as empresas aceitam prazos de pagamentos mais desfavoráveis para minimizar riscos de falência, especialmente no sector de imobiliário e construção: 65% das empresas portuguesas está disponível, por exemplo, para receber a 60 ou 90 dias em vez de 30. A média europeia é de apenas 41% neste sector.

«É um instinto de sobrevivência. É melhor receber com prazos mais dilatados mas receber, em vez de ser rígido», comenta Luís Salvaterra, director-geral da Intrum.

Atraso nos pagamentos ameaça sobrevivência das empresas

O atraso nos pagamentos está a aumentar. A diferença entre o tempo real de pagamento e as condições médias de pagamento oferecidas aumentou significativamente nas categorias analisadas, segundo avançou esta tarde Luís Salvaterra, numa apresentação a jornalistas.

Em Portugal, no segmento B2C, a diferença aumentou quase para o dobro (14 dias de atraso), mas também se verifica o mesmo ao nível B2B (18 dias de atraso) e do sector público (24 dias de atraso). No geral, não se nota tanto um incumprimento, mas sim um atraso porque o rendimento disponível regrediu.

Também aqui, imobiliário e construção é o sector mais afectado em Portugal (57% versus 42% a nível europeu), com o atraso dos pagamentos a ameaçar a

capacidade de sobrevivência das empresas.

Em Portugal, cinco em cada 10 entrevistados pela Intrum dizem que o risco de atrasos de pagamentos deve aumentar em 2020, o que compara com os 25% registados em 2019 – ou seja, mais do que duplica.

Em jeito de conclusão, Luís Salvaterra indica que a pandemia veio alterar dramaticamente o problema dos atrasos de pagamentos. «O impacto é muito grande e isso, em certos casos, pode afectar a própria sobrevivência das empresas, quando há falta de liquidez», conta, acrescentando que, além da redução de investimento e no emprego, pode mesmo levar ao fim da empresa.

O director-geral da Intrum sublinha ainda que, em Portugal, só se conhecerá a verdadeira realidade quando as medidas implementadas pelo Governo para mitigar os efeitos da pandemia deixarem de estar em vigor. As próprias empresas têm de se concentrar nesta questão dos atrasos «porque é fundamental ter uma melhor gestão dos créditos a receber, senão leva a um problema de liquidez».

Luís Salvaterra refere ainda que «é importante que empresas maiores, que não estão neste sufoco, dêem o exemplo com algumas iniciativas em termos de pagamento pontual, por exemplo». É uma oportunidade de mostrar a liderança.

O relatório “EPR Portugal 2020” baseia-se numa pesquisa realizada simultaneamente em 29 países europeus, incluindo Portugal, num total de 9.980 empresas europeias inquiridas em 11 sectores de atividade.

pub